

O PENSAMENTO  
**NEGRO**  
NO BRASIL: *uma conexão ancestral*





O PENSAMENTO  
NEGRO  
NO BRASIL: ALTO CONHECIMENTO  
LITOGRAFIA



MARGA PINHEIRO  
DOS REIS



CIDA B...



O Pensamento Negro no Brasil : uma Conexão Ancestral (2023 : Brasília, DF)  
O Pensamento Negro no Brasil [recurso eletrônico] : uma Conexão Ancestral. – Brasília : Câmara dos Deputados, Centro Cultural, 2023.

Título aparece no item como: O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição O Pensamento Negro no Brasil: uma Conexão Ancestral.

Catálogo da exposição realizada no Corredor Tereza de Benghela da Câmara dos Deputados, de 20 de novembro de 2023 a 12 de janeiro de 2024.

Versão e-book.

Modo de acesso: [bd.camara.leg.br](http://bd.camara.leg.br)

Disponível, também, em formato impresso.

ISBN 978-85-402-0960-2

1. Cultura afro-brasileira, exposição, Brasil, catálogo. I. Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Centro Cultural. II. Título.

CDU 316.722(81=96)

# O PENSAMENTO NEGRENO BRASIL: *uma conexão ancestral*



O Centro Cultural Câmara dos Deputados é responsável pela preservação do acervo museológico da Câmara dos Deputados e pela realização das ações culturais que ocorrem na instituição, como exposições artísticas e históricas e eventos literários. Além de promover as culturas regionais e a produção artística contemporânea nacional, o Centro Cultural atua na preservação da memória da instituição e na história do Poder Legislativo.

Idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Palácio do Congresso Nacional abriga obras de artistas brasileiros renomados da segunda metade do século XX, como Di Cavalcanti, Athos Bulcão e Marianne Peretti.

Com o intuito de viabilizar a diversidade e a qualidade das exposições realizadas pelo Centro Cultural, todos os anos promovemos um edital público para a seleção das mostras artísticas e históricas que ocuparão, no ano subsequente, os espaços destinados aos eventos culturais. As propostas apresentadas são avaliadas por uma Comissão Curadora e, desta forma, o Centro Cultural proporciona a artistas e curadores de todo o Brasil a oportunidade de apresentar seus trabalhos em áreas da Câmara dos Deputados onde há grande circulação de visitantes de diversas partes do país, propiciando o exercício e a promoção da cultura e da cidadania.



# O PENSAMENTO NEGRO NO BRASIL:

## UMA CONEXÃO ANCESTRAL

A luta pela igualdade racial não nasceu em nenhum dos marcos históricos que pontuam a trajetória de negros e negras no Brasil. Trata-se de sentimento que alude ao primeiro navio tumbeiro aportado no litoral da Ilha de Vera Cruz. Mesmo assim, não deve ser reduzido às iniquidades e agruras sofridas pelos povos africanos na construção do Novo Mundo.

Pensar a negritude é reverenciar capítulos importantes da história da humanidade que, como tal, permanece inacabada; é conectar indivíduos, povos, nações, línguas, culturas que remontam da Antiguidade aos dias contemporâneos e que não devem se perpetuar no porvir.

É Sankofa: o pássaro legendário que voa sempre em frente sem esquecer o ovo do futuro e a bagagem por sobre as plumas.

A presente exposição busca alinhar personalidades negras brasileiras que abriram caminhos e as sucessoras que se dedicaram à construção de histórias que se somam em um mesmo mosaico de pedras diversas e contínuas. É o vislumbre de passado, presente e futuro de uma trajetória que não cabe em poucas linhas ou paredes, mas que deve ser respeitada.

Um provérbio iorubá diz que o passado é algo que precisa estar sempre em vista: *Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje.*

É preciso buscar, entender, desfazer os nós do passado, valorizar os que vieram antes, para seguir num futuro em que será possível viver de forma mais harmoniosa. E assim, nós também, como sociedade, precisamos valorizar o legado de intelectuais e pesquisadores negros e negras que contribuíram e contribuem para a formação do pensamento brasileiro. Muitas e muitos foram apagados, num epistemicídio que precisa ser revertido. Só tomando consciência das estruturas racistas construídas ontem — e que infelizmente ainda nos alicerçam — é que será possível derrubá-las com as pedras atiradas e as ações de hoje.

**Geane Gomes,  
Maíra Brito  
e Raphael Cavalcante**  
Curadores

# VOCÊ CONHECE OS ADINKRA?

Os símbolos Adinkra fazem parte do conhecimento e da tecnologia africana do povo Akan\*. Compõem uma escrita filosófica que se caracteriza por ser ideográfica — assim como temos no Egito, no Japão e na China. Esse é um entre vários sistemas de escrita africanos, o que, aliás, comprova que a grafia nasce na África com os hieróglifos egípcios e seus antecessores.

Cada um dos Adinkra possui um nome e significado que traz em si a visão de mundo Akan. São parábolas, aforismos, provérbios, ditos populares, podem se referir a eventos históricos, penteados, animais. Conta-se que os Adinkra foram transmitidos pelos mais velhos, particularmente a elite dos anciãos, para comunicar valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais, mensagens construtivas para a alma. Ou seja, foram criados como forma de valorizar e preservar o legado de um povo e por isso são presentes e respeitados até hoje.

Eram esculpidos em madeira ou em peças de ferro, como se fossem carimbos, sendo inicialmente concebidos para transmitir mensagens estampadas em panos usados em cerimônias específicas. Juntos formavam um texto entendido e decifrado por aqueles que compartilhavam da mesma cultura. Ao longo de gerações, seus usos foram popularizados, chegando a ser utilizados também em contextos menos formais, como roupas de uso cotidiano, joias, grades, paredes e objetos. E assim chegaram ao Brasil.

\* Akan é um grupo linguístico formado por várias nações que vivem na atual região dos países de Gana, Burkina Faso e Togo, no Oeste Africano - além de estarem espalhados pela diáspora. Dentre as etnias dos Akan, foram os Ashanti que mais se destacaram, por conta do intenso comércio de ouro extraído das minas localizadas em sua região, não à toa chamada de "Costa do Ouro".



**SANKOFA** Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás



Simbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**AVA** Somos como a samambaia, que não depende da caridade da chuva ou do Sol



Este é o provérbio que representa a resistência, o desafio às dificuldades, a perseverança e a competência.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**OSIDAN** O construtor



Representa a inventividade tecnológica, a habilidade de aperfeiçoar seus afazeres.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**DWENNI MMEN** O carneiro, ao atacar, não deve fazê-lo com os chifres, e sim com o coração



Simbolo da humildade e da força de vontade da mente, do corpo e da alma. A luta não pode se basear na arrogância.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**ANANSE NTOTAN** A teia da aranha



Simbolo da sabedoria, esperteza, criatividade e das complexidades da vida.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**NEA ONNIM NO SUA A OHU** Quem não sabe, pode saber aprendendo



Simbolo do conhecimento do aprendizado permanente e da busca contínua pelo saber.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**FUNTUMMIREKU DENKYEMMIREKU** Compartilham um mesmo estômago, mas brigam por comida



Representação do crocodilo mítico Gahense, simboliza a unidade na diversidade, advertência contra as brigas internas quando existe um objetivo em comum.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**ME WARE WO** Vou me casar com você



Simbolo do compromisso e da perseverança. Também representa o comprometimento e a meticulosidade dos artistas com suas obras. Ninguém se apressa para construir o que importa.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**MPATAPOW** Um nó de reconciliação e paz



Simbolo da reconciliação, pacificação e negociação de paz.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**ADINKRAHENE** Rei de todos os desenhos adinkra



Simbolo da grandeza, prudência, firmeza e magnitude. Ele é a base para o desenho e a impressão de todos os demais adinkra.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**NKVIMKVIM** Resistência



Adaptabilidade, devoção ao serviço e capacidade de suportar as dificuldades. Mudar-se, desempenhar vários papéis. Simboliza também o dinamismo na continuidade das coisas através das mudanças.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**OWUO ATWEDIE BAAKO NFO** Todos os homens subirão a escada da morte



Simbolo que nos lembra a natureza transitória da existência neste mundo e o imperativo de viver de forma louvável.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**KWATAKYE OU GYAMU ATIKO** Estilo de cabelo do herói guerreiro kwatakye



Simbolo da bravura sem temor, coragem e valentia.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**DUAFE** Pente de madeira



Simbolo das melhores qualidades femininas: paciência, prudência, afeto, amor e cuidado.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral

**AGASE YE DURU** A terra é mais pesada que o ar



Representado pelo reflexo de dois corações, mostra a importância do que vem da terra para o enriquecimento da vida, uma lição de sabedoria.

O PENSAMENTO NEGRO BRASIL  
uma conexão ancestral



# ESCREVIVÊNCIA



O termo foi cunhado por Conceição Evaristo e remonta à figura da “Mãe Preta” escravizada que cuidava da prole dos senhores de engenho, que além de ser mãe de leite e ensinar as primeiras palavras, contava histórias para “adormecer os da casa-grande”. Ela se dirigia aos aposentos das crianças para contar histórias, cantar e ninar os futuros senhores de engenho.

Escrevivência é um ato de escrita de mulheres negras, no intuito de borrar e desfazer uma imagem do passado, em que o “corpo-voz” de mulheres negras escravizadas tinham sua potência de emissão sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

Ela traz a experiência, a vivência da condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual se coloca e se pronuncia para afirmar sua origem de povos africanos e celebrar sua ancestralidade, conectando tanto com os povos africanos, como com os povos da diáspora africana.

Escrevivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, numa coletividade.

Fonte: (DUARTE, C.; NUNES, I. *Escrevivência: A escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Editora MINA Comunicação e Arte. Rio de Janeiro, 2020.)

## Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou na década de 1970 para o Rio de Janeiro, onde, após se formar em Letras na UFRJ, trabalhou como professora da rede pública.

Participando de forma ativa nos movimentos de valorização da cultura negra, Evaristo logo se destaca, quando seus poemas e textos da série *Cadernos Negros* começam a ser publicados.

É potência, saber ancestral, oral e acadêmico. Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-RJ, doutora em Literatura Comparada pela UFF. Sua escrita ressuscita a memória deixada nas profundezas dos mares que atravessam Brasil e África.

Conceição ressignificou a perspectiva negra na literatura brasileira, ao cunhar o conceito de Escrevivência, que, como ela mesma diz: “É a personificação da vida para torná-la escrita”. Segundo Conceição, a Escrevivência nasce do compromisso com a vida, com a escrita do que é vivenciado. Sua obra traduz a figura feminina, símbolo de resistência à pobreza e à discriminação. A Escrevivência pode ser entendida como a escrita de nós, porque dá ao povo negro a permissão de ser protagonista de sua narrativa e de seus construtos históricos vividos.

Publicou inúmeros livros, muitos traduzidos em diversas línguas. *Olhos D'Água*, 2014, rendeu-lhe o prêmio Jabuti. A publicação do *Canção para Ninar Menino Grande* lhe conferiu o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano (2023). A escritora é a primeira mulher negra a receber a premiação. Conceição Evaristo é palavra que não morre, é voz que não se cala.



Assista à entrevista de Conceição Evaristo produzida pelo canal **Leituras Brasileiras** exibida na exposição *O pensamento negro no Brasil: uma conexão ancestral*.



# SANKOFA

## se wo were fi na wo sankofa a yenkyi

*Não é tabu buscar o que está em risco  
de ser deixado para trás.*



Reprodução Abdias Nascimento, **Sankofa n. 2: Resgate** (Adinkra Asante). Acrílica sobre tela, 40 x 55 cm. Rio de Janeiro, 1992. Acervo Museu de Arte Negra | IPEAFRO

### Volte e pegue

O Sankofa é um dos Adinkra que tem uso mais popular no Brasil. Se, em muitos portões e grades, seu desenho surge como elemento estético, essa “coincidência” guarda em si um fortíssimo simbolismo, visto que resgatar a história dos africanos sequestrados e trazidos ao Brasil é um passo necessário para se construir um futuro de equidade neste país.

A presença do Sankofa na arquitetura brasileira evidencia ainda algo mais importante, que pouco se ensina nas escolas: as pessoas sequestradas e trazidas para as colônias não eram pessoas aleatórias. Faziam parte de povos que tinham habilidades por vezes muito específicas. Eram não somente bons agricultores, como também ferreiros, tecelões, trabalhadores do couro. Reza a lenda que foi por meio dos ferreiros que o Sankofa tornou-se tão popular nas grades brasileiras. Legado e resistência.

### A importância de aprender com o passado

Essa é uma ideia que perpassa diversas culturas africanas, que tanto valorizam a senioridade, a estrada percorrida, o tempo de vida. Aprender com os erros e acertos, com as pedras da experiência deixadas por nossos ancestrais.

Muitas vezes construímos coisas novas sobre as cinzas do passado, descartando-o como algo ultrapassado. “O que passou passou”. Mas será mesmo?



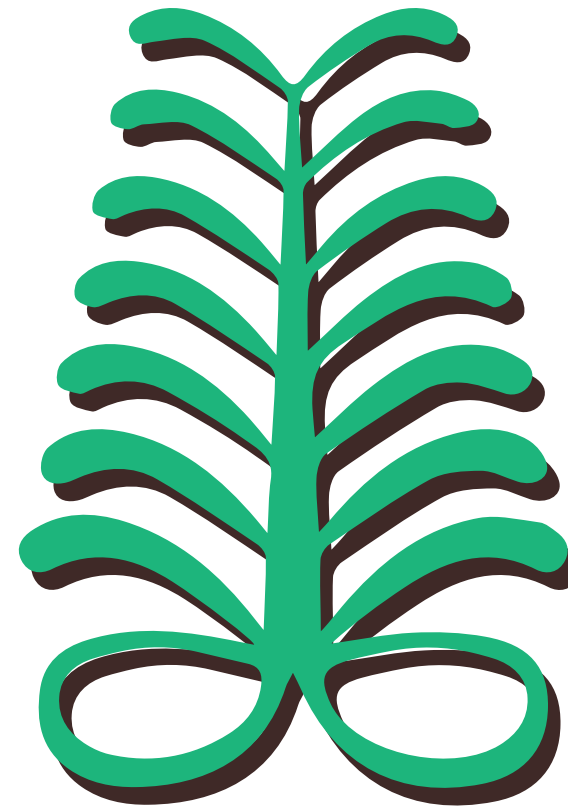
O símbolo do Sankofa foi se modificando ao longo do tempo. Estas são suas principais representações – todas remetendo ao pássaro que olha para trás em busca das pedras do passado.



**O PENSAMENTO  
NEGRO**

**NO  
DIREITO**

**JUSTIÇA JUSTA**



AYA

***Somos como  
samambaia que não  
depende da caridade  
da chuva ou do Sol.***

Este é o provérbio que traz o Adinkra da resistência, uma prova da força e do direito dos povos africanos.

A justiça dos homens é tão caprichosa quanto o ideal de justiça dos diversos panteões que governam a fé humana. Entre a chegada dos primeiros escravizados e as vésperas da Proclamação da República, mais de três séculos legitimaram a escravidão de negros e negras africanos em solo brasileiro.

Por muito tempo essa existência dos corpos africanos foi negada. Não eram considerados humanos e, portanto, não possuíam direitos e suas vozes permaneciam caladas. Com o tempo, após lutas e disputas políticas, pressões externas e os constantes movimentos de insubmissão dos escravizados contra o sistema da escravidão, figuras exemplares começaram a ter suas vozes ouvidas e abriram espaço nos lugares de debate contra esse sistema opressor.

Figuras como Luís Gama lutaram para abrir esse espaço, a favor da abolição e para construir um caminho onde as vozes negras pudessem ser escutadas. Luís Gama, como outras personalidades, pavimentaram a estrada do Direito para a população negra e hoje servem de base e força ancestral aos profissionais que advogam pela causa negra, representados aqui por Lívia Santana Vaz e Luciana Santos.



## LUIZ GAMA (1830-1882)

Filho de Luísa Mahin, africana livre, e de pai de origem portuguesa, tendo ele próprio passado pelo sofrimento do cativeiro, tornou-se advogado e um dos grandes abolicionistas do século XIX. Atuou na advocacia em prol de cativos. Mais de 500 homens e mulheres escravizados tiveram seus grilhões partidos pelo discurso e pluma do operador da justiça, aquele que por ironia fora de ex-cativo a libertador, o maior deles. Aos 29 anos se tornou autor consagrado e foi considerado o maior abolicionista do Brasil.

## LÍVIA SANTANA VAZ

No século e meio que se seguiu, filhas e filhos espirituais de Gama cruzaram as estradas ora abertas, dotando de mais justiça a justiça. Tão baiana quanto o rebento de Luísa Mahin, a promotora de Justiça do Ministério Público da Bahia Lívía Sant'Anna Vaz é uma das poucas integrantes negras do MP. Lívía faz do combate ao racismo e a luta em favor dos direitos humanos uma missão. Encarna o lema gravado no título de um dos livros que escreveu: "A justiça é uma mulher negra".

No MP baiano desde 2004, a promotora de Justiça Lívía Vaz concentra seu trabalho na defesa dos direitos humanos e no combate à discriminação. Em 2018, criou o aplicativo *Mapa do Racismo e Intolerância Religiosa*, para desburocratizar o acesso das pessoas ao MP no registro de casos de racismo, injúria racial e intolerância religiosa. O projeto foi o grande vencedor da edição de 2019 do Prêmio do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP). Lívía Vaz também foi reconhecida, em 2020, como uma das 100 pessoas de descendência africana mais influentes do mundo, sendo a única brasileira com atuação no Sistema de Justiça a receber a homenagem do Mais Influente Afrodescendente (Mipad).

## LUCIANA SANTOS

Foi no Norte, em Manaus, que a jovem Luciana Santos decidiu entender teoricamente as razões do racismo que sentia em sua pele negra. Jornalista, advogada, mestra em Direito Constitucional, Luciana encontrou, na formação intelectual e na multiplicidade de seus ofícios, as ferramentas para contribuir com seus irmãos em vulnerabilidade social. E pontua: "A busca por conhecimento e por me desconstruir também como indivíduo que está inserida numa sociedade racista é um compromisso diário. E assim será até o meu retorno para o Orun".

A justiça justa, e não a dor, deve marcar o elo de vidas negras.



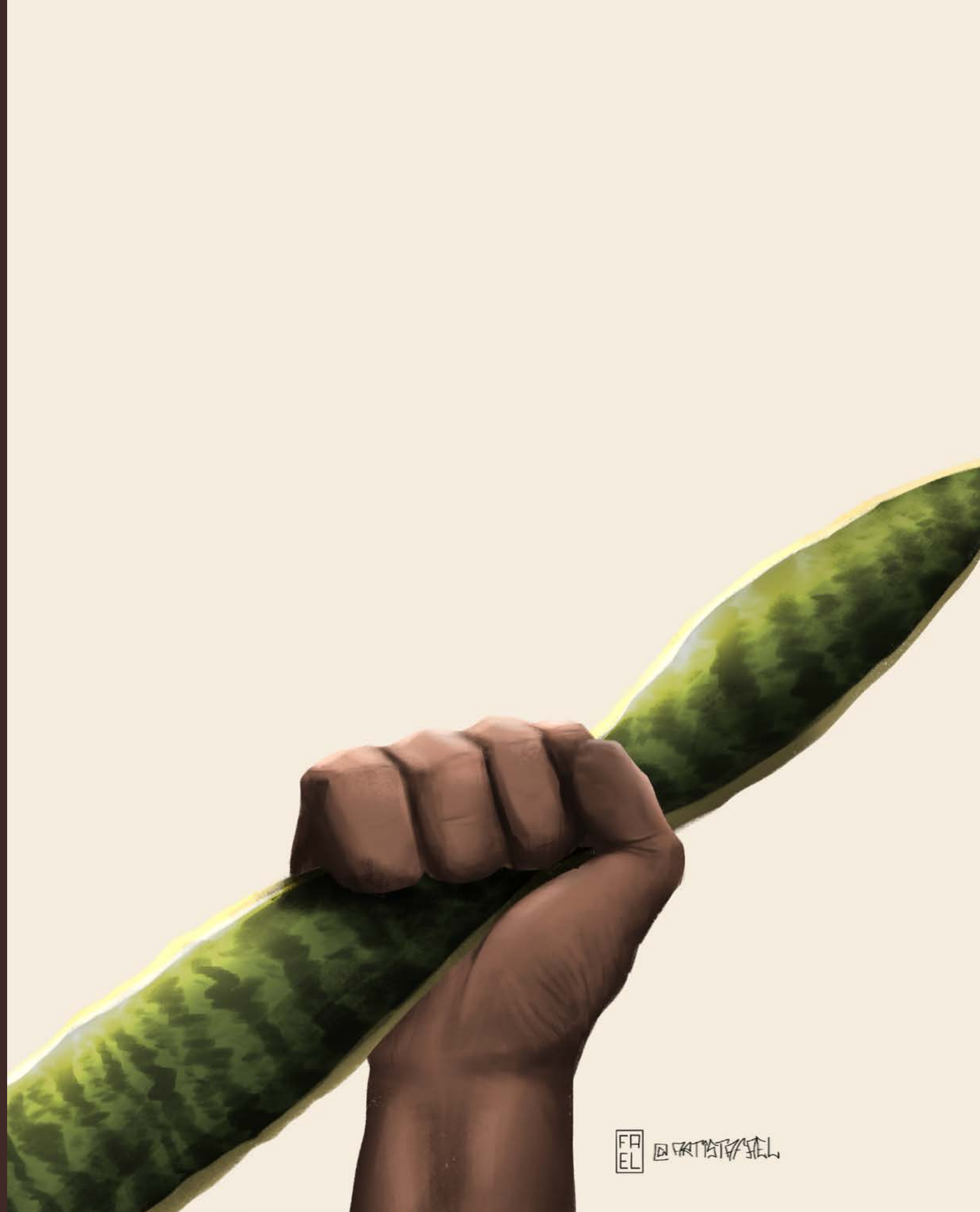


# FAEL

FAEL é um jovem artista de Senador Camará, favela da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Tem 21 anos e há dois faz parte do "Crialismo", movimento artístico em que crias de favela fazem arte representando a própria realidade. Em outubro deste ano teve sua primeira exposição individual no mercadão de Madureira cancelada por pressão de lojistas incomodados com a realidade de violência tratada nas artes. Após a polêmica, a exposição foi remontada na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

A espada de São Jorge nos lembra a nossa ancestralidade e o quanto somos guerreiros, somos ligados diretamente à natureza, nossa força também vem da terra.

@artista fael



FAEL @ARTISTAFEL

Reprodução

FAEL, **Força Ancestral**. Ilustração digital, 30 x 42 cm. Rio de Janeiro, 2023.





# BAOBÁ

Entre muitos povos de África, o Baobá simboliza força e resistência, sendo conexão entre o mundo sobrenatural e o material, entre os vivos e os mortos. Uma das interpretações diz que suas raízes representam os ancestrais e as memórias da comunidade, enquanto o tronco e as folhas seriam as crianças e os jovens em crescimento.



### Bandeira Pensamento Negro

A bandeira foi produzida por Marçílio Pereira e Walter Souza, profissionais já consagrados na produção de bandeiras e ornamentos para as Escolas de Samba no Rio de Janeiro, como a própria Portela. Foi pensada para sintetizar em suas cores as expressões da negritude, levando em cada raio nomes de outros personagens ilustres da trajetória intelectual e artística negra no Brasil. Em seu centro, carrega o pássaro Sankofa, nos lembrando de sempre buscar no passado a inspiração e força para a construção de um futuro melhor.

**Bandeira Pensamento Negro**  
 Tecido com impressão e bordado  
 Dimensões: 120 x 90 cm



# VILMA NASCIMENTO

## O CISNE DA PASSARELA

A Câmara dos Deputados teve a honra de receber Vilma Nascimento, o Cisne da Passarela, para participar da Sessão Solene em homenagem ao Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, no Plenário Ulysses Guimarães.

Vilma Nascimento abriu a exposição *O pensamento negro no Brasil: uma conexão ancestral*. A proposta dos curadores, Geane Gomes, Maíra Brito e Raphael Cavalcante, é reverenciar a trajetória de negros e negras no Brasil, num exercício de diálogo entre passado, presente e futuro. Nessa perspectiva, se faz imprescindível o legado de Vilma Nascimento, a maior porta-bandeira de todos os tempos.

Sua contribuição é um farol que ultrapassou a barreira do tempo e até hoje ilumina a dança das porta-bandeiras que atuam no carnaval mundial e a têm como referência.

As inovações protagonizadas por Vilma até hoje são fundamentais para que a arte de mestre-sala e porta-bandeira seja valorizada e apreciada na trajetória do samba e do carnaval brasileiros. Vilma Nascimento criou o talabarte, a anágua de aço e a saia plumada.

Sua influência foi decisiva para que o quesito mestre-sala e porta-bandeira fosse incluído na pontuação das escolas de samba.

Em 1993, Vilma teve uma atuação política, ao protestar quando o quesito mestre-sala e porta-bandeira deixou de ser pontuado. Ela quebrou o protocolo ao trajar preto e pintar a cara de verde e amarelo.

Na ocasião, iniciou a dinastia de porta-bandeiras da família Nascimento ao delegar a sua arte à filha Danielle Nascimento.

Vilma ingressou na Portela em 1957, trazida pelo então presidente Natal, que imortalizou a Portela, ao alçar a escola 19 vezes ao pódio de campeã. Na primeira década de sua trajetória na Portela, Vilma deu à escola sete campeonatos. O Cisne da Passarela foi um fenômeno à época e até hoje é ovacionada pelo público, porque sua dança e carisma transcendem os limites do samba.

Com sua paixão inigualável, Vilma transmitiu o legado à filha — Danielle Nascimento, porta-bandeira que emplacou a nota máxima no quesito do bailado e ajudou a Escola de Samba a conquistar seu último campeonato no Carnaval de 2017 —, bem como à neta e à bisneta.

Hoje ela tem 85 anos e a poesia de seus pés continua a emocionar os que a veem bailar no templo do samba. Como diz a música em sua homenagem, *O Conde*, imortalizada na voz de Jair Rodrigues:

“Como é que eu posso por ela trocar  
A emoção de ver Vilma dançar  
Com o seu estandarte nas mãos.”







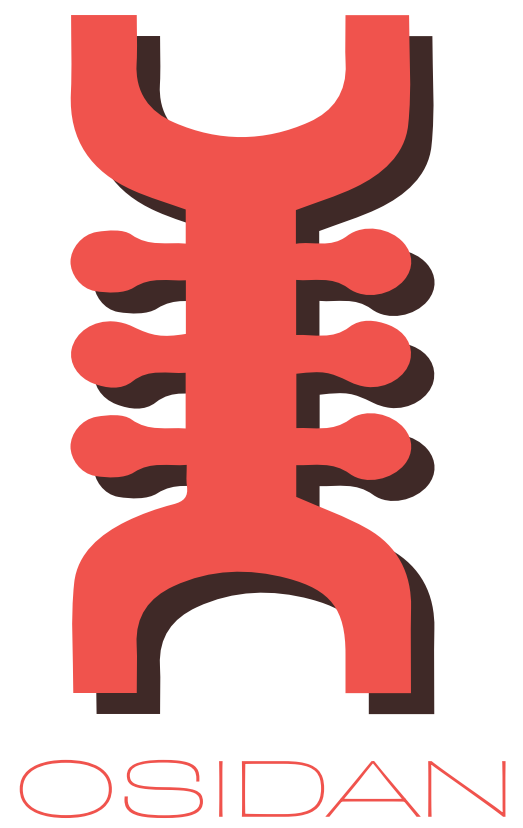


# O PENSAMENTO NEGRO

NAS CIÊNCIAS

# EXATAS

# SABERES DE ÁFRICA AO BRASIL



O Adinkra do construtor traz a inventividade tecnológica dos Ashantis, que aos poucos aperfeiçoaram seus afazeres com grande habilidade.

Muitos dos negros sequestrados de África e chegados ao Brasil eram letrados, outros detinham conhecimentos na filosofia e nas ciências exatas. Todos esses intelectuais são frutos da negra semente ancestral que resiste e insiste em quebrar as muralhas coloniais do apagamento e do silenciamento que constituem o racismo em nosso país. Eles fizeram e fazem história ao protagonizar seus legados de glórias e vitórias.

cismo imprimiu a trajetória valorosa de intelectuais negros brasileiros. Trazemos à luz da ribalta o engenheiro André Rebouças, a engenheira Enedina Alves, a cientista da computação Nina da Hora e o aluno de programação Matheus Silva Siqueira. Todos alinhavados pela força e pelo saber ancestral brilharam e brilharam, colocando sua genialidade a serviço do desenvolvimento e da história do nosso país.

O lugar do negro, no Brasil, desde o século XV até os dias atuais, nem sempre foi no açoitado da senzala ou na miséria da favela. Resistir e quebrar os paradigmas coloniais da crueldade do ra-





## ENEDINA ALVES MARQUES (1913-1981)

Em 1945, formou-se a primeira engenheira negra brasileira e a primeira mulher da região Sul. Na faculdade foi reprovada em inúmeras matérias por professores que a perseguiram por ser negra. Trabalhou como empregada doméstica e como professora para custear seus estudos. Filha de mãe lavadeira e de pai ausente, Enedina não se casou nem teve filhos. Passava as madrugadas estudando para gabaritar as provas. Em 1947 tomou posse no Departamento Estadual de Águas e Energia Elétrica e, entre várias obras, construiu, no Paraná, a maior hidrelétrica subterrânea do Sul do país, a Usina Capivari-Cachoeira. O nome de Enedina Alves figura em rua, no bairro Cajuru em Curitiba; no Memorial à Mulher Negra e no Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques.

## NINA DA HORA

Ana Carolina da Hora é cientista da Computação. Nina da Hora nasceu em 1995, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Criada por cinco mulheres professoras, começou a trabalhar com sucata robótica. Ganhou o prêmio Sabia Award dado pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra, por seu trabalho sobre Racismo Algorítmico no Reconhecimento Facial. Pesquisa temas como Inteligência Artificial e Ética. Criou o canal *Computação sem Caô* e o podcast *Ogunhê*, que revela ao mundo o saber de cientistas africanos. Há 3 anos fundou o Instituto da Hora, composto por mulheres negras e indígenas, que visa descentralizar e disseminar o saber científico, potencializando narrativas antirracistas na tecnologia.

“Nós da tecnologia temos a possibilidade de dar continuidade a um Brasil que foi esquecido, mas agora conseguimos fazer juntos: alunos, empresas e governo. Tudo o que estamos vivendo aqui precisa estar nas políticas públicas do Brasil, para termos uma infraestrutura mais duradoura.”

## MATHEUS SIQUEIRA

Morador da comunidade Céu Azul, em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, Matheus Silva Siqueira tem 14 anos e é programador de jogos. É aluno destaque do projeto social Nave do Conhecimento. Craque em matemática desde pequeno, gosta de montar e desmontar aparelhos robóticos. Atualmente está desenvolvendo o jogo Space Wars.

Matheus representa milhares de meninos e meninas da favela que, se tiverem a oportunidade de desenvolver suas potências, poderão lançar o Brasil na vanguarda tecnológica.

“Eu nunca desisti de sonhar. Vou persistir até conseguir alcançar um futuro melhor na programação.”

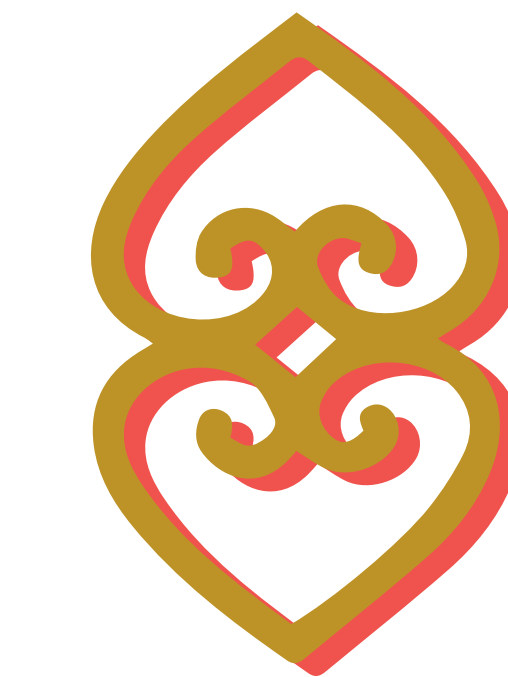


**O PENSAMENTO  
NEGRO**

NA

**SAÚDE**

**A MEDICINA NASCEU EM ÁFRICA**



ASASE  
YE DURU

Representado pelo reflexo de dois corações, este Adinkra mostra a importância do que vem da terra para o erguimento da vida, uma lição de sabedoria.

África tem uma rica tradição de práticas médicas, que remonta às civilizações ancestrais. No Antigo Egito, os africanos desenvolveram sistemas de Medicina, Cirurgia e Farmacologia bem avançados para a época. O Papiro de Edwin Smith, datado de cerca de 1600 a.C., é um dos mais antigos registros médicos conhecidos e descreve tratamentos e procedimentos cirúrgicos.

É fundamental inscrever África no desenvolvimento da Medicina ao longo da História — assim como também é premente ressaltar as diversas contribuições de pesquisadores, cientistas e intelectuais negros brasileiros nos avanços tecnológicos no campo da Saúde no Brasil e no mundo.



# JULIANO MOREIRA (1872-1933)

O médico baiano Juliano Moreira foi responsável por notáveis contribuições à pesquisa da Psiquiatria. Foi o primeiro professor universitário brasileiro a incorporar a teoria psicanalítica no ensino da Medicina.

Árduo defensor da reforma psiquiátrica, opunha-se aos métodos arcaicos de tratamento que envolviam práticas desumanas. Como diretor do Hospital Nacional de Alienados (Hospício Nacional), no Rio de Janeiro, Dr. Juliano humanizou o tratamento dos pacientes, dividindo-os por sexo e idade. Também promoveu a retirada das grades do hospício, além de abolir o uso de camisas de força.

# JAQUELINE GOES

A biomédica Jaqueline Goes de Jesus alcançou projeção nacional e internacional ao coordenar a equipe responsável pelo sequenciamento do genoma do Coronavírus no Brasil, em apenas 48 horas após a confirmação do primeiro caso de Covid-19 no país. Antes disso, ela também integrou a equipe que sequenciou o genoma do vírus Zika.

Doutora em Patologia Humana e Experimental, Dra. Jaqueline é um expoente na área das Ciências da Saúde, levando a pauta da representatividade feminina negra nos meios científicos e defendendo ações com foco em empoderamento feminino e em Ciência.

"Sabemos que muitos são os obstáculos para alcançar este patamar e comigo, mulher negra, não foi diferente."

# MARINA GONÇALVES MOREIRA

A bióloga Marina Gonçalves Moreira deve se inscrever nesse círculo de destaque entre pesquisadoras negras. Depois de se formar em Ciências Biológicas, cursa agora Medicina pela Universidade de Brasília. Pesquisadora da área de Racismo Médico, dedica-se principalmente à questão de educação em saúde.

Em seus estágios, já teve oportunidade de transitar entre os grupos mais vulneráveis e também mais privilegiados, vendo de perto as discrepâncias sociais.

"Vejo que o nosso maior desafio não é cuidar ou fazer saúde, mas sermos reconhecidas por isso. A Medicina nasceu em África, o cuidado sempre foi feito por mulheres negras, mas até hoje não somos reconhecidas como aquelas que proporcionam avanços nessa área."





# JÔ GOMES

## E A ANCESTRALIDADE NA DANÇA

Joceline Gomes da Silva é mestrandia em Dança na Universidade Federal da Bahia. Jornalista, bailarina e pesquisadora de danças africanas tradicionais e urbanas, do continente e da diáspora: Danças Afro-Brasileiras, Kuduro, Afro House, Dancehall, Hip Hop, Vogue, Funk e Passinho.

Jô Gomes carrega em sua performance o legado da ancestralidade, somando forças na luta pela negritude na contemporaneidade.



Performance "Mulher do Fim do Mundo"  
Coreografia e interpretação: Jô Gomes  
Música: "Mulher do Fim do Mundo", interpretada por Elza Soares (2015), composição de Alice Coutinho e Romulo Frões





# O PENSAMENTO NEGRO

# NA CULTURA

A ESCRITA É NEGRA



ANANSE

O símbolo é a estilização de uma teia de aranha e carrega os significados de sabedoria, de criatividade e das complexidades da vida.

A sabedoria africana Sankofa nos legou a arte de aprender com o passado para construir o presente e o futuro. Nessa perspectiva, apresentamos pinceladas do pensamento negro brasileiro veiculado pelas escritoras Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo e Nanda Fer Pimenta, que, entre inúmeras escritoras e escritores brasileiros, dão voz e fomentam a compreensão da construção e da formação identitária brasileira.

A palavra do povo negro do Brasil atravessou o Atlântico condenada aos porões dos navios negreiros e aos grillhões da senzala. A palavra não morreu, ao contrário, vive em nós. Como semente

de baobá, semeada nos rincões das favelas e das periferias, cresceu e frutificou em poesia, ficção, contos, romances e ensaios de Firmina, Conceição e Nanda, que se conectam em teia para denunciar as agruras vividas no racismo e para expurgá-lo.

Ao mesmo tempo, as obras das referidas escritoras servem-nos de espelho e devolvem ao nosso povo preto a dignidade e a força, pois resgatam em cada um de nós a conexão ancestral que nos liberta e nos cura. Ligadas nesse fio ancestral tecido por essas escritoras e por tantas outras, outros e outres podemos, então, ecoar: Não! Não vão nos calar!



# MARIA FIRMINA DOS REIS (1822-1917)

Nascida em 1822, no Maranhão, primeira mulher negra a escrever um romance no Brasil, *Úrsula* (1859), cujas temáticas abolicionista e antirracista revelam sua genialidade. *Úrsula* foi considerado o primeiro romance em que os personagens negros não eram retratados como subalternizados, escravizados ou animalizados, mas como sujeitos protagonistas, detentores de suas memórias, histórias e potências.

Professora da Escola de Primeiras Letras. Em 1880 foi aprovada, em primeiro lugar, no concurso público de História da Educação Brasileira. Em 1888, foi autora do *Hino da Libertação dos Escravos*. Seu legado foi apagado da História do Brasil e somente a partir de 1975 sua obra ganhou algum reconhecimento na literatura brasileira. Morreu aos 95 anos, pobre e cega.

# CIDA BENTO

Maria Aparecida da Silva Bento nasceu em São Paulo, em 1952. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, pesquisa as desigualdades raciais e de gênero no ambiente de trabalho. Para Cida Bento, existe um pacto na formação da sociedade brasileira que privilegia quem é branco.

"A branquitude se expressa em uma repetição ao longo da história, de lugares de privilégio assegurados para as pessoas brancas, mantidos e transmitidos para as novas gerações."

Cida Bento é autora de diversos livros e cofundadora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT). A revista inglesa *The Economist* a considerou, em 2015, uma das personalidades mais influentes do mundo no que diz respeito à promoção da diversidade.

# NANDA FER PIMENTA

Nascida em Canavieiras, Bahia, veio para Brasília aos 3 anos. Desde então mora na periferia, em São Sebastião. Aos 32 anos, já publicou duas obras: *Sangue* e *Dengo*.

*Sangue* (2018) é marcado pela necessidade de falar sobre o que lhe faltou como mulher preta periférica. De suas páginas vermelhas escorre o sangue que tenta expurgar a dor do racismo. *Dengo* (2022) é um livro afetivo. O nome do livro também faz alusão ao dendê, fruto encontrado em sua terra natal, que traz o tempero ancestral para fortalecer a vida.

Nanda iniciou-se nas Artes Cênicas, na UnB, onde se conectou com a linguagem do corpo, cuja apropriação lhe confere o direito e a força para contar a sua história. "A força está guardada em nosso próprio corpo, a sua versão visível que não finda."

Nanda tem como marca a liberdade de não dar nome a seus textos para não defini-los. Sua obra toca nosso corpo e nos acolhe, devolvendo-nos os sentidos: "É com o olhar da palavra". Movendo-nos contra a barreira do silêncio:

"Eu sou a flecha,  
Nada me atravessa  
Eu vou  
Sou palavra, movimento"









## Câmara dos Deputados

### Câmara dos Deputados

#### Mesa Diretora da Câmara dos Deputados

##### Presidente

Arthur Lira (PP-AL)

##### 1º Vice-Presidente

Marcos Pereira (REPUBLICANOS-SP)

##### 2º Vice-Presidente

Sóstenes Cavalcante (PL-RJ)

##### 1º Secretário

Luciano Bivar (UNIÃO-PE)

##### 2º Secretária

Maria do Rosário (PT-RS)

##### 3º Secretário

Júlio Cesar (PSD-PI)

##### 4º Secretário

Lucio Mosquini (MDB-RO)

##### Suplentes

Gilberto Nascimento (PSD-SP)

Pompeo de Mattos (PDT-RS)

Beto Pereira (PSDB-MS)

André Ferreira (PL-PE)

### Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados

#### Secretário de Comunicação Social

Jilmar Tatto (PT/SP)

#### Secretário de Participação, Interação e Mídias Digitais

Luciano Ducci (PSB/PR)

#### Diretoria Executiva de Comunicação e Mídias Digitais

Cleber Queiroz Machado

#### Coordenação de Cerimonial, Eventos e Cultura

Frederico Fonseca de Almeida

#### Supervisão do Centro Cultural

Isabel Flecha de Lima

#### Coordenação do Projeto

Clauder Diniz

#### Revisão

Maria Amélia Elói

#### Estagiário de História e Produção

André Grigório

#### Design Gráfico

Luísa Malheiros

#### Manutenção da Exposição

André Ventorim

Maurílio Magno

Paulo Titula

Wendel Fontenele

#### Material Gráfico

Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

### Curadoria da exposição *O pensamento negro no Brasil: uma conexão ancestral*

Geane Gomes

Maíra Brito

Raphael Cavalcante

#### Assistência de Curadoria

André Grigório (estagiário)

#### Pesquisa

André Grigório (estagiário)

Coordenação de Relacionamento, Pesquisa e Informação – CORPI

Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados - CEDI

#### Crédito de Imagens

Conceição Evaristo | Foto: Léo Martins

Luiz Gama | Desenho: Angelo Agostini, 1882

Lívia Santana Vaz | Foto: Maiara Cerqueira

Luciana Gomes | Foto: Acervo pessoal

André Rebouças | Autor Desconhecido, circa 1850, Domínio Público

Enedina Alves Marques | Foto: Acervo Fundação Palmares

Nina da Hora | Foto: Acervo pessoal

Juliano Moreira | Autor Desconhecido, circa 1900, Domínio Público

Jaqueline Goes | Foto: Acervo pessoal

Marina Gonçalves Moreira | Foto: Acervo pessoal

Maria Firmina dos Reis | Foto: Ariosvaldo Baeta / Prefeitura de São Luís/MA

Cida Bento | Foto: Nego Júnior

Nanda Fer Pimenta | Foto: Wendella Alves

Vilma Nascimento | Foto: Lula Marques / Agência Brasil

#### Confecção de Bandeira Nomes Negros

Marcílio Pinto Ferreira

Vagner Carreira de Souza

### Entrevista Conceição Evaristo

Realização:

Caio Mazzilli

Filipe Franco

Rodolfo Pelegrin

Thany Sanches

Vinícius Silva

Produção:

Panamá Filmes

Canal Leituras Brasileiras – YouTube

### Vídeo Jô Gomes

Direção de Imagens: Maíra Brito

Áudio: Angelo Ramos

Operadores de Câmera: Fernando Elias e Eduardo Barbosa

Iluminador: Gutemberg Lewis

Assistentes de Produção: Alexandre Borges e Wellington Saturnino

Supervisão de Operação: Jacks Douglas

### Agradecimentos

Ipeafro - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros

Elisa Larkin Nascimento

Rafael Willian dos Anjos Silva – FAEL

Suzana Guedes

Danielle Nascimento

Vilma Nascimento

Daniela André

William França

Jacks Douglas

Joceline Gomes

Ruza Medina Zago

Caio Mazzilli

Guilherme Bacalhao

Cícero Bezerra

Igor Almeida

Secretaria de Comunicação de São Luís/MA

Coordenação de Engenharia de Telecomunicações e Audiovisual - COAUD

Visitação:  
20 de novembro de 2023 a 12 de janeiro de 2024  
Segunda a sexta, das 9h às 17h  
Corredor Tereza de Benguela  
Câmara dos Deputados

Informações:  
0800 0 619 619 | [cultural@camara.leg.br](mailto:cultural@camara.leg.br)  
Palácio do Congresso Nacional  
Câmara dos Deputados Anexo 1 – Sala 1601  
CEP 70160-900 – Brasília/DF  
[www.camara.leg.br/centrocultural](http://www.camara.leg.br/centrocultural)

Acesse nosso edital de seleção:







ASASE  
E DURU

Representado pelo reflexo de dois corações, este Adinkra mostra a importância do que vem da terra para o erguimento da vida, uma lição de sabedoria.

ASASE  
E DURU



ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU

ASASE  
E DURU





ISBN 978-85-402-0960-2



9 788540 209602



Centro Cultural  
Secretaria de Comunicação Social  
Secretaria de Participação, Interação e Mídias Digitais